



A mediatização da morte de Júpiter Maçã: performances teatrais do evento fúnebre e a influência da mídia na mitificação do artista¹

The mediatization of Júpiter Maçã's death: theatrical performances of the funeral event and the influence of the media in the artist's mythification

Caroline Govari Nunes²

Palavras-chave: funeral; Júpiter Maçã; mediatização; performances.

Buscamos, neste trabalho, discutir a mediatização em torno do funeral do artista Flávio Basso, mais conhecido como Júpiter Maçã, falecido em 21 de dezembro de 2015.

Nascido em Porto Alegre em 26 de janeiro de 1968, Flávio Basso é considerado, pela imprensa, o “criador do rock gaúcho”, alguém que serviu de modelo para toda uma geração que viria a seguir. Foi fundador de duas das bandas mais expressivas do rock gaúcho: TNT e Os Cascavelletes (com quem lançou os discos de estúdio Os Cascavelletes [1988] e Rock'a'ula [1989]).

O artista teve um grande reconhecimento a partir da metade da década de 1990, quando se lançou em carreira solo, lançando os discos A Sétima Efervescência (1997), Plastic Soda (1999) – quando “Júpiter Maçã” virou “Jupiter Apple”; Hisscivilization (2002), Jupiter Apple and Bibmo Presents: Bitter (2007) e Uma Tarde na Fruteira

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, integrando a Linha de Pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação. É Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e Bacharel em Comunicação Social - Hab. Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Faz parte do grupo de pesquisa CULTPOP - Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias. carolgnunes@terra.com.br



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

(2008). Em 2014, lançou o DVD *Six Colours Frenesi* e estava preparando um disco novo quando faleceu, desencadeando uma cobertura midiática muito peculiar sobre sua morte.

Dessa forma, propomos aqui uma intersecção dos estudos de Comunicação – onde abordaremos os processos midiáticos, o conceito de mediação e de como isso interfere na sociedade –, e de Performance – pensando o funeral do artista como um evento performático e observando o luto interativo que a morte do artista causou nas redes digitais.

Incitados por Gomes, que diz que os processos midiáticos constituem um “conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam, segundo diferentes linguagens” (GOMES, 2006, p. 20), e lembrando também de Hjavard (2012), ao refletirmos que mediação é um conceito importante na sociologia moderna no que se refere ao processo fundamental de modernização da sociedade e da cultura, compreendemos que os meios de comunicação alteram as interações sociais. Para Gomes (2013), com o advento da tecnologia digital, as inter-relações se ampliaram e se complexificaram, criando, assim, uma nova ambiência, um novo modo de ser no mundo, que é o que caracteriza a sociedade atual. Assim, sobrepostas na produção de sentido, a comunicação e a sociedade articulam-se neste caldo cultural da mediação, que é resultado da emergência e do extremo desenvolvimento tecnológico, caracterizando muito mais do que um estágio na evolução, e sim um salto qualitativo que estabelece algo totalmente novo na sociedade.

Quando falamos em mediação da sociedade, entendemos que este é o processo pelo qual a sociedade está submetida a tornar-se dependente da mídia e de sua lógica. Para Hjavard (2012), o conceito-chave para entender a influência da mídia na cultura e na sociedade é justamente o conceito de mediação.

A mídia, para Hjavard (2012), conseguiu se integrar às rotinas de outras instituições (como política, religião, família, trabalho), já que hoje vemos cada vez mais atividades destas instituições sendo executadas através tanto dos meios de comunicação



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

interativos quanto dos meios de comunicação de massa. De forma geral, pontua Hjavard, a midiatização insinua “uma virtualização da interação social e, observando as affordances institucionais, tecnológicas e estéticas de diferentes meios de comunicação, talvez possamos entender como a mídia molda novos padrões de interação” (HJAVARD, 2012, p. 1, grifos do autor).

Dentro dessa nova sociedade midiatizada, podemos acompanhar todos os eventos – inclusive funerários. No nosso caso específico, problematizamos a questão do funeral enquanto evento performático, onde acompanhamos, na época, mediados pela imprensa e pelos sites de redes sociais, o funeral de Júpiter Maçã e tudo o que a morte do artista significou para o rock gaúcho.

Com a morte de Júpiter Maçã, o “mito do rock gaúcho” foi corporificado no artista. Sua morte foi totalmente midiatizada – pela imprensa local e nacional –, sempre o colocando no papel de “criador do rock gaúcho”, expondo o evento teatralizado que foi o último adeus ao artista, falando das luzes que compunham o palco do teatro Renascença, em Porto Alegre, onde o músico estava sendo velado, imagens ao vivo no Jornal do Almoço da RBS TV, inúmeras imagens do velório, dos fãs chorando, dos familiares, enfim, de todos que compunham aquele evento.

Além disso, a imprensa sinalizou a presença de todos os artistas da cena que estavam presentes no funeral: Frank Jorge, Flu Santos, Edu K, Márcio Petracco, Charles Master, Carlo Pianta, Diego Medina, King Jim, Tchê Gomes, entre muitos outros fundadores do rock no Estado. Dessa forma, avaliamos que este foi, de fato, um evento simbólico para o rock gaúcho, merecedor de análise e entendimento.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

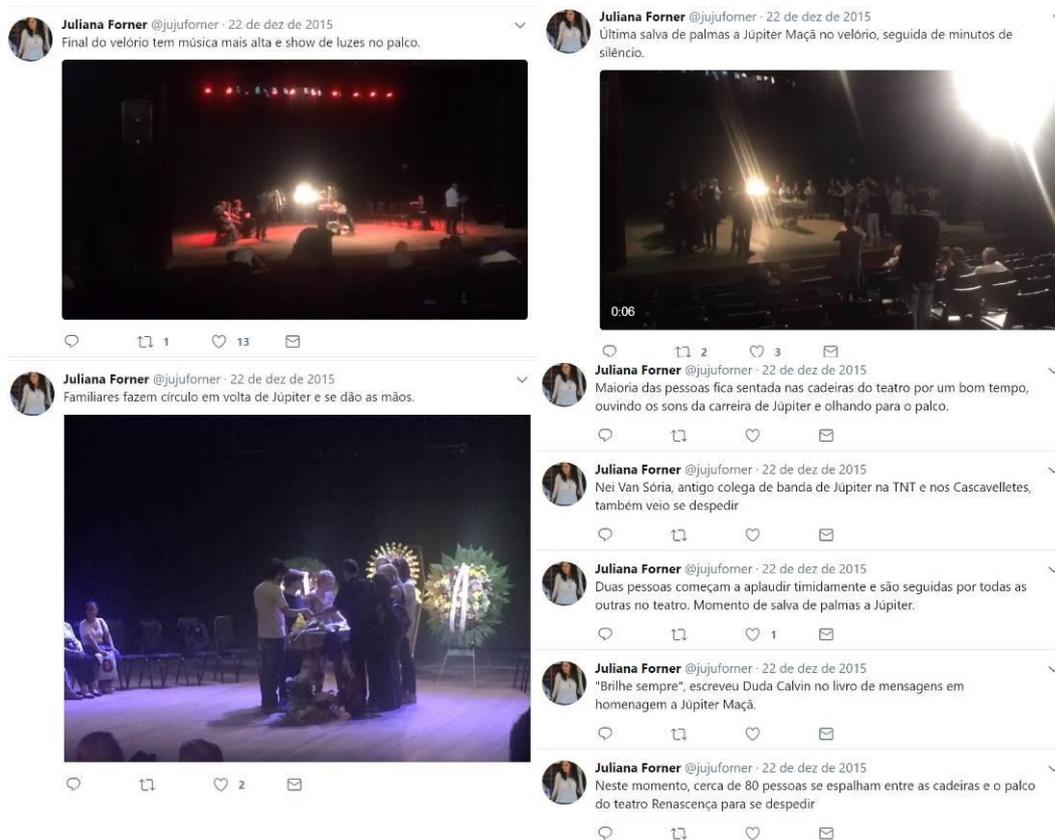


Figura 01: Cobertura ao vivo da imprensa nas redes sociais durante o velório. Outros exemplos serão apresentados e problematizados durante o seminário e no artigo final. Fonte: print feito pela autora.

Para Schechner, “performances são atos de transferências vitais, transmitindo conhecimento, memória e sentidos sociais por meio de comportamentos reiterados” (SCHECHNER, 2006, p. 38). A performance, segundo o autor, constitui objeto/processo de análise dos estudos de performance, ou seja, as inúmeras práticas e eventos, incluindo teatro, espetáculos, rituais, comícios, funerais, isto é, tudo o que envolve comportamentos teatrais (ensaiados ou convencionais).

Taylor (2013), que trabalhou de forma ampla o funeral da Princesa Diana, questiona qual seria a política dessa energia memorativa e das performances miméticas de dor encenadas simultaneamente em várias partes do mundo: os momentos



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

sincronizados de silêncio, as assinaturas nos livros de condolências, as flores etc. Taylor (2013) fala da vida, morte, funeral e vida após a morte da princesa Diana “como relíquias quase sagradas em exibição, tudo isso ilumina a maneira como dramas sociais múltiplos e em intersecção são representados tanto em âmbito global quanto local” (TAYLOR, 2013, p. 198). A transformação dos acontecimentos que cercaram Diana em enredo trágico e a teatralidade da encenação, transmitida internacionalmente, criam a fantasia de uma audiência “universal” e coesa. Dessa forma, ao olhar para a natureza e encenação desses dramas sociais, Taylor (2013) explora como a globalização faz o papel de “universalidade” e como o arquivo dessa “universalidade” é baixado estrategicamente e reconfigurado em nível local.

Utilizamos o método do “drama social”, proposto por Turner (1982), um modelo que o autor assegura ter validade universal, onde reconhecemos as quatro fases identificadas pelo autor e aplicamos à morte e ao funeral de Júpiter Maçã:

1) Uma fissura ou ruptura social e o desprezo da norma: o drama privado encenado publicamente dos problemas de saúde de Júpiter Maçã: o alcoolismo, as diversas internações em clínicas de reabilitação, a decadência nos shows – tudo explorado pelos fãs e pela imprensa;

2) A crise, em que a fissura se amplia e se incrementa: sua morte – a crise – era um drama trágico; apesar de todos os problemas de saúde enfrentados pelo artista, a morte de Júpiter Maçã foi tratada com uma grandeza trágica, cristalizando a imagem do artista como “criador do rock gaúcho”;

3) A ação de reparação, que busca conter a expansão da crise – o funeral como performance teatral: seguindo as tradições de outros funerais, esse acontecimento foi mais uma repetição, nunca o primeiro ou o último desses espetáculos. Trata-se de uma performance, orquestrada com início, meio e fim. A teatralidade derivava da coreografia de cor – jogo de luzes no palco onde encontrava-se o caixão com o corpo do músico –, movimento, a escolha das músicas de Júpiter Maçã para tocar no ambiente, espaço e adereços do músico. A teatralidade, frequentemente vista como um atributo do teatro,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

claramente o antecede e se estende além dele. Que quantidade de teatralidade deveria a cena roqueira de Porto Alegre exigir para honrar o falecimento de seu “herói”?

4) A fase da reintegração, o reordenamento das normas sociais. “Cada uma das quatro etapas se desenrola de um modo dramático diferente, cada uma rivalizando-se com a anterior na ação de estender os limites da teatralidade” (TAYLOR, 2013, p. 200).

A teatralidade do acontecimento, comenta Taylor (2013), reivindica o poder visual por meio da produção de camadas, a adição e o aumento de elementos tradicionais e não tradicionais. “A natureza prescrita, de comportamento reiterado, dos funerais, também tem outra função, isto é, uma função ritual” (TAYLOR, 2013, p. 204). O trato formal das transições, ou passagens, dolorosas ou perigosas ajudam a regular o dispêndio de emoção. Para a autora, os funerais têm servido, há muito tempo, para canalizar e controlar a tristeza. Porém, um funeral televisionado, com sua insistência na participação, parecia motivar as próprias emoções que seria seu papel canalizar. Os espectadores, do mesmo modo que os presentes no funeral – amigos, artistas, familiares –, tornaram-se o espetáculo para uma audiência reunida, talvez pela tristeza, mas, mais certamente, pela televisão, pelos portais de notícias, pelos sites de redes sociais. Assim como vimos em acontecimentos anteriores – por exemplo, na morte de Nico Nicolaiewsky e Nico Fagundes, outros dois artistas muito importantes no Rio Grande do Sul –, as mídias performatizaram a identificação que eles afirmavam relatar, certificando-nos de que a perda de Júpiter Maçã era uma perda “nossa”, para todos os fãs do rock gaúcho.

Para Taylor (2013), a performance se torna visível e expressiva dentro do contexto de um repertório imaginário de repetições. Entretanto, há um mecanismo novo em funcionamento. Por um lado, vemos apenas o que fomos condicionados a ver: o que vimos antes. Por outro lado, o espetáculo se apresenta como um acontecimento universal e unificador. Mas o espetáculo, nas palavras de Debord, não é uma coleção de imagens, mas “uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. O espetáculo,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

então, é o que nós não vemos, o invisível que “aparece” somente por meio da mediação” (TAYLOR, 2013, p. 209, grifo da autora).

Como no teatro – uma palavra que se refere tanto à moldura física e institucional quanto à ação proposital que ocorre dentro de seus limites –, a teatralidade do funeral marca os ritos de passagem da tradição histórica. No caso de Júpiter Maçã, vimos a imprensa dando o passo a passo do que acontecia no funeral: a rota, as filas dos fãs, o momento só da família, os artistas chegando, a família dando as mãos ao redor do caixão, enfim, a coreografia da festa funerária. A encenação física é também um ato de restauração; ela separa e cria um enredo para o evento, o primeiro e o último ato do criador do rock gaúcho. Depois da crise abrupta causada pela morte, o funeral oferece um encerramento estético e uma resolução emocional.

E o que teria a ver o povo com essa encenação teatral do funeral? A “encenação do popular”, como afirma García Canclini em *Culturas Híbridas*, “tem sido uma mistura de participação e simulacro” (TAYLOR, 2013, p. 218). Os portais de notícia de todo o país apresentaram o mesmo tipo de artigo, expandindo o alcance do “nós” enquanto expandia sua audiência. As fotos de Júpiter Maçã apareciam, relatando a reação dos fãs ao abalo desolador dos acontecimentos. Sites de redes sociais foram tomados por homenagens ao artista, tudo para mostrar o que Júpiter Maçã simbolizava para a cultura juvenil do estado.

Assim, entendemos que as mídias podem sim ser pensada como agente de mudança social, pois elas se integram à rotina das famílias, dos fãs, enfim, de todas as instituições. Nossas atividades, agora performatizadas, se misturam aos meios de comunicação. Hoje, a midiatização atravessa todos os processos sociais, fazendo com que a comunicação esteja constantemente em fase de transformação.

Referências bibliográficas

GOMES, Pedro G. Mídia e Sociedade. In: **Filosofia e Ética da Comunicação na Mídia e Processos Sociais**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. (p. 25-55)



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

HJAVARD, Stig. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural.* **Matrizes**, São Paulo, ano 5, n.2 p. 53-91, jan/jun/2012.

SCHECHNER, Richard. “**O que é performance?**”, em *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006

TAYLOR, Diana. **O Arquivo e O Repetório: Performance e Memória Cultural na América Latina.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

TURNER, Victor W. **From ritual to Theatre.** New York: PAJ Publications, 1982.